

Intensidades, corpos e(m) movimentos em uma sala de aula¹²

Intensities, bodies and movements in a classroom

Intensidades, cuerpos y movimientos en una clase

Ariana Sousa de Moraes Sarmiento³

Resumo: Que intensidades despontam no espaço da sala de aula quando meu corpo se põe à escuta? Como perceber os mínimos gestos que nos atravessam nesse espaço? Este artigo objetiva dialogar com tais questionamentos a partir de duas cenas capturadas em uma sala de aula em uma Escola de Educação Básica em Florianópolis/SC. A metodologia utilizada foi a cartografia. Essa perspectiva convida o pesquisador a acompanhar processos e produções que surgem durante a pesquisa. Em decorrência desse modo de pesquisar, ver-sentir-ouvir outras realidades na sala de aula e afirmar suas existências tornou-se um ato político. Outras possibilidades de leitura aconteceram permitindo-nos pensarmos e sermos pensados pelos gestos, corpos e (m) movimentos compostos no/com o cotidiano escolar.

Palavras-chave: Cartografia; Estudos culturais; Educação.

Abstract: What intensities emerge in the classroom when my body listens? How to perceive the smallest gestures that cross us in this space? This article aims to dialogue with such questions from two scenes captured in a classroom at a Basic Education School in Florianópolis/SC. The methodology used was cartography. This perspective invites the researcher to follow processes and productions that arise during the research. As a result of this way of researching, seeing-feeling-hearing other realities in the classroom and affirming their existence has become a political act. Other possibilities of reading happened. It allows us to think and be thought by gestures, bodies and movements composed in/with the school routine.

Keywords: Cartography; Cultural studies; Education.

Resumen: ¿Qué intensidades emergen en el espacio de la clase cuando mi cuerpo escucha? ¿Qué movimientos bailamos a diario en las clases? ¿Cómo reconocer los más pequeños gestos que nos atraviesan y atraviesan en este espacio? Este artículo tiene como objetivo dialogar con tales preguntas a partir de dos escenas captadas en una clase de una Escuela de Educación Básica en Florianópolis/SC. La metodología utilizada ha sido la cartografía, la cual se basa en conceptos enunciados por G. Deleuze y F. Guattari. Esta perspectiva invita al investigador a seguir procesos y producciones que surgen durante la investigación. Como resultado de esta forma de investigar, ver-sentir-escuchar otras realidades en la clase y afirmar su existencia se ha convertido en un acto político. Otras posibilidades de lectura sucedieron permitiéndonos pensar y ser pensados por gestos, cuerpos y (m) movimientos compuestos en/con la rutina escolar.

Palabras clave: Cartografía; Estudios culturales; Educación.

¹ Esta pesquisa foi realizada com apoio e financiamento da bolsa CAPES-DS.

² Este texto é oriundo da Dissertação de Mestrado, realizada sob Orientação do Prof. Leandro Belinaso, apresentada no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

³ Doutoranda pelo PPGE, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e Prof. EEB PADRE ANCHIETA.

Introdução

Que intensidades despontam no espaço da sala de aula quando meu corpo se põe à escuta? Que movimentos dançamos diariamente nas salas de aula? Como perceber os mínimos gestos que atravessam e nos atravessam nesse espaço?

Essas perguntas despontaram em mim quando realizei oficinas no Marista Escola Social Lúcia Mayvorne como parte de minha Pesquisa de Mestrado, pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Essa escola é um projeto social que oferece educação gratuita e em período integral para crianças e adolescentes que vivem em situação de vulnerabilidade social em Florianópolis/SC.

Inspirada pelo poema de Manoel de Barros (2013, p. 274) que afirma: "Poderoso para mim não é aquele que descobre o ouro. Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas)", direcionei meu olhar para as sutilezas e as insignificâncias. Movida pelo desejo de descobrir belezas e capturar movimentos no espaço escolar, frequentei aulas de ciências de duas turmas de oitavo ano por cerca de um mês. Sempre às sextas-feiras. As duas turmas tinham aulas corridas de 2hs/aula cada uma.

Instigada a pensar que quando não temos uma realidade a ser representada, mas (re) criada; quando olhamos para alguma cena de uma aula e não para uma cópia ou retrato desse espaço, ampliamos as possibilidades de ver a sala de aula (GUIMARÃES, 2013), questioneei: que escolas outras seria possível descobrir nesses movimentos? Nesse exercício, intensidades se multiplicaram no espaço da sala de aula e cenas foram criadas. Este artigo tem como objetivo compartilhar duas das cenas capturadas nas salas de aulas de ciências e nos por a dialogar com as intensidades e re-existências expressas nos gestos, corpos e movimentos compostos com/no cotidiano escolar.

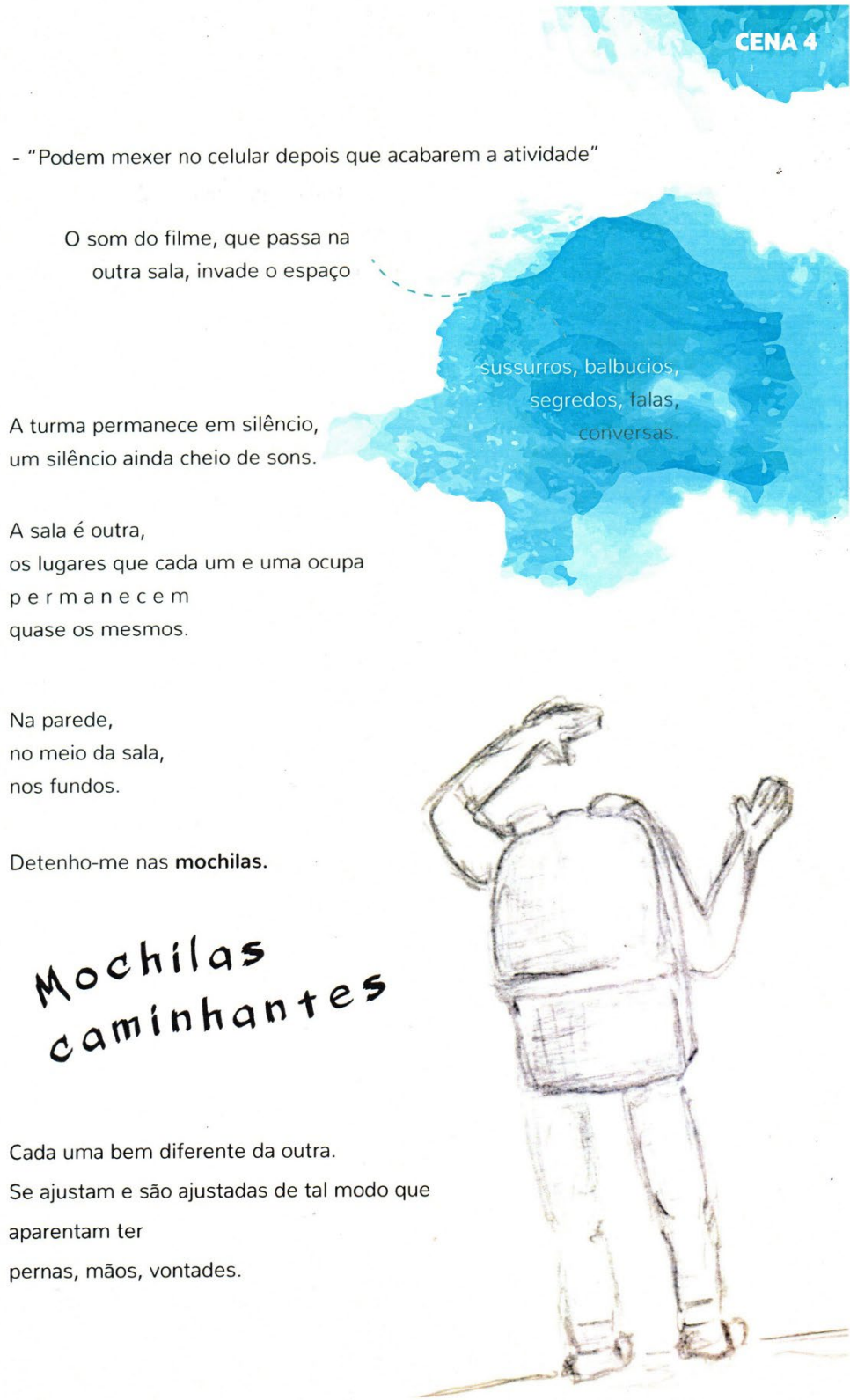
A metodologia utilizada no decorrer da pesquisa foi a cartografia proposta por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2015), a qual se baseia em conceitos filosóficos enunciados por Gilles Deleuze e Félix Guattari. De acordo com tal proposta, somos convidados a acompanhar processos e produções que surgem durante a pesquisa. Desse modo, busquei manter minha atenção em suspensão. Como comenta Kastrup (2015), uma atenção aberta e sem focalização específica, que permitiu também a captura de materiais desconexos e em aparente desordem.

Nesse percurso, o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento visam acompanhar um processo, e não representar um objeto. Há um entendimento de que o mundo

não está simplesmente fornecendo informações prontas, visto que ele é engendrado com o agente do conhecimento. Como comenta Luciano Bedin (2014) é na força dos encontros gerados, nas dobras produzidas na medida em que o pesquisador habita e percorre os territórios, que a pesquisa ganha corpo.

Deixei minha atenção pairar como uma folha que cai de uma árvore e balança lentamente de um lado ao outro, pousa sobre diferentes superfícies e movimentos mínimos que a detêm no espaço. Até o instante em que o próximo vento a sopra novamente para outro plano. Aterrissar meu olhar sobre esses movimentos permitiu-me multiplicar os corpos, existências e presenças naquela sala de aula. Será que diferentes acontecimentos desataram a falar ou eu desatei a ouvir? Cenas foram capturadas. Para iniciar esse diálogo, demonstro uma delas aqui (Figuras 1, 2 e 3).

Figura 1: Mochilas caminhantes - parte I



Fonte: Elaboração da própria autora. SARMENTO, 2021.

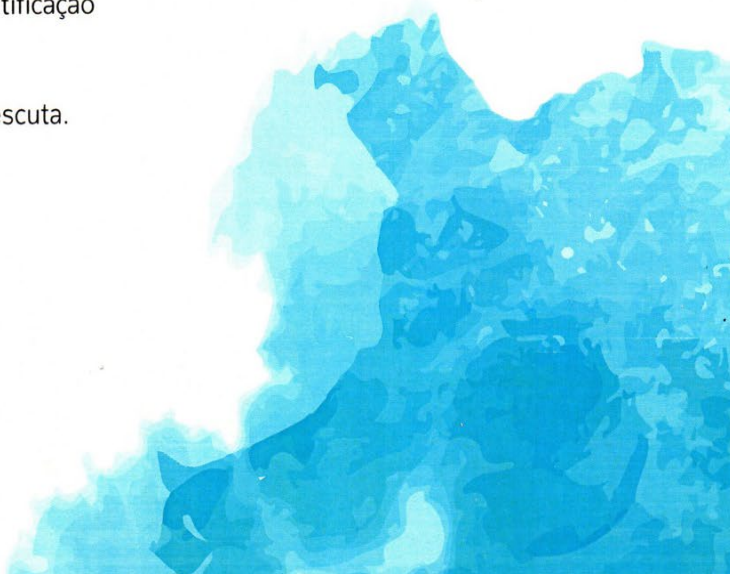
Figura 2: Mochilas caminhantes - parte II

Elas permanecem nas costas de alguns,
talvez como um sinal de relutância de estar ali.
Corpos se sentam e
acomodam na cadeira,
mas as mochilas continuam ali
sinalizando a possibilidade de saírem
a qualquer momento.

Os meninos levantam correndo.
Quarenta minutos da aula já se foram.
Duas meninas desistem.
Tiram a mochila das costas e abrem o caderno para começar a atividade.
Uma ainda permanece com a mochila no colo.
A professora chama a atenção para fazerem a atividade e
mais dois renunciam, abrem a mochila.

- “Oh coisinha, me empresta a borracha?”

Outros dois mantêm a mochila.
Às vezes acho que por proteção,
outras por simples identificação
ou talvez resistência.
Sem saber continuo à escuta.



Fonte: Elaboração da própria autora. SARMENTO, 2021.

Figura 3: Mochilas caminhantes - parte III

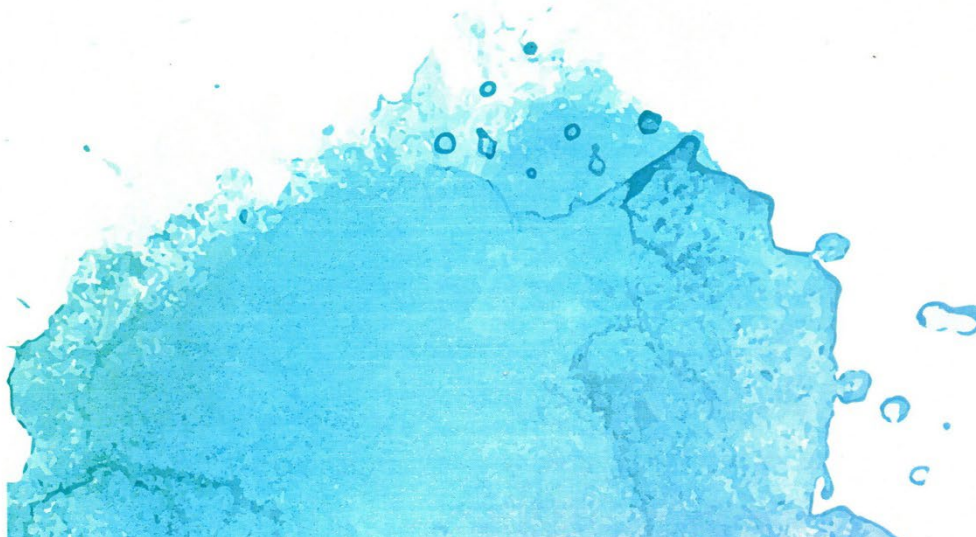
SINAL!!

Um deles que manteve a mochila nas costas,
sai correndo no contra fluxo,
em direção ao fundo da sala.

Fico atenta para o que vai acontecer a seguir.
Afinal de contas, todas e todos estão correndo
para a porta da sala que fica na frente,
próxima à mesa do professor.

Ele chega ao fundo da sala,
tira a mochila das costas sem hesitar e a joga no chão.
Ela sai deslizando, bate na parede. Pumm!
Fica.

Ele vira de costas tranquilamente e
corre atrás dos outros, dizendo:
“Vamos pra quadra!”



Fonte: Elaboração da própria autora. SARMENTO, 2021.

Sala. Mãos. Perna. Mochilas. Sinal!

Não é ao acaso que vejo movimentos predominantes em alguns ambientes, também nada ao acaso é a disposição das salas, mesas cadeiras e espaços presentes na escola. Mesmo cada caso sendo um caso, há muitos recorrentes na história, que compõem o modo como a escola se faz atualmente. Alguns corpos que transitam no espaço escolar caminham por ambientes

conhecidos, não desviam muito do trajeto de seus trilhos. Trilhos nos quais se inscrevem os acontecimentos que marcam sua existência. Outros, ainda experimentam reposicionar-se.

Foucault (1987) chama de corpos dóceis aqueles corpos disciplinados, que têm suas idas e vindas delimitadas, configuradas como uma forma de poder. Corpos inertes, como chama Costa (2019), quase aderidos à cadeira. Pouco estimulados a movimentar o corpo, mover-se, tocar-se. A todo momento estamos produzindo modos de ver e de instaurar sentidos ao corpo. Tanto ao produzirmos representações fixas baseadas em significações hegemônicas, quanto ao pedirmos para as crianças/adolescentes se sentarem em uma determinada postura. Tanto quando restringimos ou reprimimos uma ação espontânea, assim como em momentos que qualificamos uma atitude ou hábito.

Silvio Gallo (2002) em seu texto “Em torno de uma Educação menor” comenta: “hoje, deveríamos estar nos movendo como uma espécie de professor-militante, que de seu próprio deserto, de seu próprio terceiro mundo opera ações de transformação, por mínimas que sejam” (p. 170). Manoel de Barros afirma que “todas as coisas, cujos valores podem ser disputados no cuspe à distância, servem para poesia” (BARROS, 2013, p. 135). Inspirada por essas provocações, pensei em quantas coisas nos passam despercebidas nas salas de aula que poderiam servir também para poetizar nosso presente.

Digo poetizar não só no sentido de embelezar ou encantar, como muitas vezes a poesia é citada no senso comum, mas também na percepção de que a poesia me apresenta ao novo. Escapa-me ao controle e provoca-me diversas sensações e emoções, às vezes inesperadas. Assim me perguntei: que outras coisas disputadas no cuspe à distância e rejeitadas pela civilização coexistem nesse espaço da sala de aula, quando escavamos o presente, militamos na miséria do mundo, de dentro de nosso próprio deserto?

Aos poucos, enquanto me debruçava na sala de aula, compreendi que eu não estava ali apenas observando. Sem a necessidade de analisar a escola, deixei que memórias, sonhos, imaginação e desejos se misturassem em meu corpo habitante e participante desse *espaçotempo*. Mochilas, brincadeiras, risadas, ruídos, sussurros e corpos dançantes emergiram.

Empresto a expressão *espaçotempo* de outras pesquisas no/do/com o cotidiano escolar (ALVES, 2003; ALVES; OLIVEIRA, 2004). As autoras defendem a ideia de que as mudanças na história são trançadas no nosso dia a dia, sem nos darmos conta quando se dão e onde se dão, vão acontecendo, em constante processo. O cotidiano se faz nesta complexa rede em que a vida e os contextos em que ela se realiza são produzidos. Assim, na medida em que o tempo passa, construímos narrativas sobre um espaço, que também se modifica.

Imersa na sala de aula, mesmo sentada no canto, sentia-me contagiada, partilhando das intensidades que ali vibravam. Não havia como me excluir, os movimentos, sonoros ou não, ressoavam em meu corpo também. A partir das anotações feitas em um diário, cenas de uma sala de aula repleta de intensidade e vida foram impressas graficamente em narrativas criadas com/na sala de aula.

Nas narrativas, fotografei movimentos de conversa, toques, gestos entre estudantes, estudantes e professora, estudantes e eu. Fotografei não com a câmera, mas com os meus ouvidos, meus olhos, minhas mãos. Transcrevi a meu modo, com palavras e desenhos, fragmentos desses instantes efêmeros pulsantes de vida.

Processo de criação das cenas/imagens

No início, tratava-se apenas de um caderno de anotações, no qual anotava a lápis tudo que podia. Algumas imagens me chamavam tanta atenção que arriscava esboçar rabiscos para ilustrar os gestos dos/das estudantes. Mãos, olhares, pés, expressões, contatos. Aos poucos, o caderno transformou-se em diário. Após algum tempo, decidi começar a digitar tudo que tinha e passar para o computador. Ao fazer esse movimento, percebi que queria também usar as ilustrações e desenhos criados e decidi escaneá-los.

Gradualmente, percebi que o texto escrito poderia ser dividido em cenas. Instantes que sem a necessidade de explicações permitem ter uma amostra da multidão de acontecimentos que se deram na/com a sala de aula. Alguns movimentos marcavam certo ritmo ao espaço e outros atravessavam pontualmente o ambiente.

Outras leituras e influências despertaram meu sentir para os sons. Na época entrei em contato com Marina Gomes (2019) e suas pesquisas com sonográficos⁴. Ela teve grande contribuição em aguçar meus ouvidos e atenção para os sons ao redor. Sons que aos poucos abrangeram variações e deixaram de ser apenas barulhos para também alcançar os estados de rumor, ruído, melodia, canção, buzina, grito, zoada, assobio entre outras variações. Busquei me por a pensar sobre que segredos se escuta quando se quer captar mais a sonoridade que a mensagem. O que significa estar à escuta? Permitir-me registrar de alguma forma o que

⁴ Marina Gomes (2019), incomodada com o silenciamento de uma educação sensível, buscou em sua pesquisa cartográfica, a partir da noção de paisagem sonora, criar artefatos nomeados de “sonográficos”. Tal composição nos provoca a questionar o uso excessivo de elementos visuais e cognitivos, que acabam por deixar de lado outros sentidos.

ressoava em mim, sem me preocupar tanto em interpretar ou dar significado ao que sentia, abriu brechas para que novos encontros viessem à tona.

Com isso, surgiu uma necessidade de expressar esses diferentes ritmos no texto e explorar outros sentidos (cheiros, cores, sons etc.) também na escrita. Busquei inspirações em alguns materiais e poesias que brincam com as palavras, como por exemplo a tese de Eduardo Silveira (2014), poemas de Paulo Leminski (2013) e em artistas/escritores que exploram os processos de escrita, como Telma Scherer (2018) e outros que tive a oportunidade de conhecer em uma disciplina que cursei no PPGAV (Programa de Pós-graduação em Artes Visuais) na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)⁵.

Paralelo a isso, eu estava explorando as nuances da aquarela e nossa incapacidade de, muitas vezes, controlar o modo que a água se espalha no papel. Buscando margens, escorrendo e espalhando-se em infinitas intensidades. Gostei da ideia de que cada cena pudesse ter uma tonalidade. Eu desenhava, compunha, escaneava, inseria no *word*, digitava, mudava o tamanho das letras, baixava fontes, desenhava de novo e através de muitos testes e experimentações, proposições foram surgindo. Quando já tinha algumas noções gerais das narrativas e havia escolhido os desenhos, pedi o auxílio de um designer gráfico⁶ para montarmos em um programa melhor o texto junto com as ilustrações que seriam inseridas na dissertação.

Intensidades no espaço de uma sala de aula

Entender, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima – céus da transcendência –, nem embaixo – brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão.
Suely Rolnik, 2011, p. 66⁷

Na surdina, entre os regramentos e as ordens, fizeram-se outras comunidades. Momentos em que o brincar e a escuta aconteceram. A comunicação se estabeleceu de diferentes formas e, na intensidade dessas expressões, se instaurou uma possibilidade de criação. Acontecimentos singulares teceram-se no coletivo e inauguraram relações entre corpos vivos, brincantes e Re-Existentes.

⁵ Disciplina “Processos de escrita, escutas de Processo”, semestre 2019.1, ministrada pela Prof^ª. Dr^ª Raquel Stolf.

⁶ O designer gráfico Matheus Pasinato auxiliou na execução da proposta.

⁷ **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. São Paulo: Editora Ufrgs e Editora Sulina, 2011.

Utilizo aqui a palavra re-existentis inspirada no trabalho de Pont (2018), que propõe a criação de outras cartografias possíveis. Ela sugere a resistência como algo que não apenas resiste a um domínio decidido de antemão, mas que também indica a criação de outras possibilidades, em face das forças que coordenam os modos como algo é ensinado. Nesse sentido, acredito que a dança dos movimentos aqui registrados possam ser um caminho de re-existência. (Figura 4 e 5).

Figura 4: Caspa – Parte I



Passos correndo lá fora, preenchem a sala de aula.
PALMAS. BOLA. GRITOS. CHUTE.
PARA! Alguém grita.

Uma menina amassa uma bolinha de papel e me olha.
Volta a copiar
Arrasta a cadeira

Enquanto isso, em outro canto,
alguma coisa no corpo incomoda um dos meninos.
Ele se estica, olha para suas pernas.
Curva as costas e observa o vão atrás do joelho,
bem nas dobras. Cutuca com os dedos. Algo o incomoda.

- "Professora é para copiar essa parte?"

- "Eu odeio estudar de manhã!"

- "É verdade que a gente cresce dormindo?"

Alguém equilibra uma caneta de ponta cabeça sobre a mesa.

- "Quantas mortes já tiveram esse ano?"

- "É 2019 não tá fácil né".

- "O que temos dentro do órgão? É verdade que é oco?"

- "O estômago é um órgão oco". (Professora)

- "Então ó! Falei! A Árvore é toda oca".

Fonte: Elaboração da própria autora. SARMENTO, 2021.

Figura 5: Caspa – Parte II

Um deles está em pé com a mochila
nas costas se movendo de um lado a outro.
Caminhando entre as cadeiras sente que o sinal vai tocar.

Quando o simulador do corpo humano é projetado na tela...

- “Parece madeira isso aí professora!”
- “Nossa, o meu corpo não é assim”.
- “Tecido muscular de fibra estriada” [...]

De repente, um dos meninos, ainda sentado na cadeira, estica as costas pra cima. Ele passa as mãos agitadamente na cabeça, com força e rapidez. Subitamente para. Abaixa sobre a mesa e balança um pouco o pescoço de um lado para o outro.

Olha para ver se tem algo ali na mesa e grita:

- “lupi!”
- “Estou sem caspa!”

SINAL!!



Fonte: Elaboração da própria autora. SARMENTO, 2021.

Como nos por a pensar em companhia de tais movimentos? Sem sobre julgá-los, mas talvez deixando-nos mover também. Giorgio Agamben, no texto “Notas sobre o gesto” (2015), apresenta algumas pistas para pensar o gesto. Ele fala do gesto como movimento por si, sem fim: “não é um fazer em vistas de um fim, não é um fim sem meios. [...] Em um gesto não se produz nem age, mas se assume e suporta” (p. 59). Nesse sentido, me vi pensando nos movimentos que tecem as relações na escola. Fragilidades e presenças. Nas perguntas lançadas

no espaço, nas perguntas que ficam na garganta, nas perguntas que ficam nos gestos, nas perguntas que são e estão em suspensão.

Vislumbrei um caminho. Atentar para os movimentos sobreviventes, que se assumem sem o fazer com a finalidade de exhibir-se ou transformar-se e produzir algo. Movimentos que estão e são na brevidade de um instante. E se não houvesse repouso e, mesmo parados, identificássemos os movimentos internos que se dão silenciosamente em nossos corpos? Movimentos prestes a transbordar e misturar-se ao visível externamente. José Gil (2002), em seu livro “Movimento total: O corpo e a dança”, propõe tais questionamentos e afirma: “No começo era o movimento. Não havia repouso porque não havia paragem do movimento” (Prólogo, posição 29).

Não que não haja forças coercitivas organizacionais e de poder na sala de aula. Sim, há tudo isso. Porém, comecei a perceber que há também muitos movimentos de vida que resistem e constroem esses espaços. A sala de aula que parecia ter tanto do ordinário reforçado nos discursos do senso comum, corpos parados obedecendo ordens, transformou-se em muito mais. Junto com as cenas, uma trama de infinitos nós e acontecimentos singulares teceram-se neste espaço.

Ana Godoy et al. (2007, p. 6) comentam: “mesmo na mais profunda imobilidade e impotência, o corpo é continuamente atravessado por intensidades; o que interessa e faz diferença é como nos relacionamos com elas [...]”. Conectar-me com “essa frequência ínfima do quase inaudível supõe um gesto de intensificação da vida, lá onde ela é menos garantida” (BINES, 2019, p. 5). Cada instante em que um movimento é reconhecido por alguém, uma outra intensidade ressoa, amplifica novas expressões e inventa outros modos de sentir pensar.

Ver-sentir-ouvir outras realidades também torna-se um ato político. Deixar isso explícito, quebrar com discursos hegemônicos que dizem não haver vida na sala de aula e que são todos iguais, ou todos não querem saber de nada, ou querem saber de tudo. São corpos ali, com curiosidades distintas, mundos particulares que se fazem nas presenças uns dos outros. Como provocar o encontro, estabelecer vínculos e conexões entre esses corpos? Como facilitar e estimular isso que já acontece como resistência?

Qualquer movimento mata algo

Mata o lugar que se abandona,
o gesto, a posição irrepetível,
algum organismo anônimo,
um sinal, um olhar,
um amor que voltava,
uma presença ou o seu contrário,

a vida sempre de algum outro,
a própria vida sem os outros.

E estar aqui é mover-se, estar aqui é matar algo.
Até os mortos se movem,
Até os mortos se matam
Aqui o ar cheira a crime.

Mas o cheiro vem de mais longe.
E até o cheiro morre
(JUARROZ, 2001, tradução nossa)

Ao aceitar que qualquer movimento mata algo, mata outro, me dou conta do movimento intrínseco que é ser corpo e vida. Sempre que escolhemos um caminho a seguir, algo a escutar ou sentir, tal sensação toma o lugar da anterior. E algo precioso que percebi foi a potência que tem tal descoberta quando vivemos em uma sociedade insistente em posicionar o corpo como “rígido e passivo, como objeto a ser constantemente prospectado, reformado e restaurado em proveito da conservação de uma forma [...]” (GODOY et al., 2007, p. 2).

Aceitar que somos “movimento incessante e exprimimo-nos em infinitas oscilações através das quais as potências se singularizam” é também combater exigências desse mundo e suscitar a possibilidade da invenção de corpos. Admitir que somos fluidez e processo é também possibilitar a experimentação. É acordar que nem sempre nossa gestualidade concorda com as funções que ela “deve” desempenhar. É admitir a diferença.

Dançamos muitas coreografias diariamente. Distintas em cada momento, mesmo que repetidas. “Temos que inventar a partir do que temos à nossa disposição. [...] Temos que reconfigurar nossa inserção no mundo” (SPINK, 2020, p. 42). Experimentar estar à escuta e inventar narrativas com os movimentos que ressoaram em mim foi também colocar-me como militante. Militante dessa educação destacada por Silvio Gallo (2002), que usa da sala de aula como um espaço no qual se traçam estratégias, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional.

Os e as estudantes são muito mais do que meros corpos imóveis e sem vida. Essa teia de intensidades que se formam na sala de aula, com certeza, tem muito mais a nos ensinar do que possamos imaginar. Talvez um caminho potente seja nos atentarmos para seus movimentos e contar mais dessas histórias que ressoam na gente. Como nos relembra Chimamanda Ngozi Adichie (2019, p. 32), “As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada”.

Considerações finais

Quando iniciei este trabalho de pesquisa, pensava estar em sala de aula apenas estudando possibilidades para produzir uma oficina. Contudo, os encontros imprevisíveis com os movimentos das e dos estudantes me afetaram de tal modo que algo que parecia anteceder a oficina se tornou parte de uma oficina que acontecia comigo naquele *espaçotempo*.

Uma oficina que criava outros olhares possíveis para uma sala de aula e permitia-me perceber-me também inventora de um presente que se constrói junto e em diálogo com outras sensibilidades. Uma possibilidade da leitura enquanto ativadora de forças que embaralham modos de perceber as intensidades que nos fazem permanecer vivos, seja nos mais ordinários ou nos mais inusitados instantes e lugares.

Como tais intensidades nos afetam? Em que momentos nos propomos a compor com elas e em que momentos nos colocamos a silenciá-las? Suas potências, perigos e afetos estão em profusão a todo instante. Que esse texto e essas aproximações com cenas de uma sala de aula possam contribuir para pensarmos e sermos pensados pelos gestos, corpos e (m) movimentos compostos no/com o cotidiano escolar.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Trad. J. Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AGAMBEN, Giorgio. Notas sobre o gesto. *In*: AGAMBEN, G. **Meios sem fim**: notas sobre a política. Trad. D. P. Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica, p. 51-62, 2015.
- ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro:, n. 23, p. 62-74, 2003.
- ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Imagens de escolas: *espaçotempos* de diferenças no cotidiano. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 25, n. 86, p. 17-36, abr. 2004.
- BARROS, Manoel de. Matéria de poesia: parte I. *In*: BARROS, M. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, p. 133-152, 2013.
- BINES, Rosana Kohl. A grande orelha de Kafka. **Cadernos de Leituras**: Série Infância. Belo Horizonte: Edições Chão de Feira, n. 87, p. 1-15, jan. 2019. Disponível em: <https://chaodafeira.com/categoria/caderno-leituras/serie-infancia/>. Acesso em: 06 nov. 2020.
- BEDIN, L. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 66-77, mai./ago, 2014.

COSTA, Rossana Della. Artificialidade intencional: um princípio para reposicionar o corpo. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 1-26, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/85089> Acesso em: 30 jan. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento e prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor. **Educação e Realidade**, Porto Alegre v. 27, n. 2, p. 169-178, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25926>. Acesso em: 06/11/ 2020.

GIL, José. **Movimento total**: o corpo e a dança. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2002. [ebook].

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A sala de aula em cena: imagem e narrativas. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v. 61, n. 31, p. 113-123, nov. 2013. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/issue/view/9/showToc>. Acesso em: 06 nov. 2020.

GODOY, Ana; FERRAZ, Joana; FERREIRA, Juliana; BELCHIOR, Jussara. Experimentações estético-políticas: do corpo condenado ao corpo liberado, a vida como matéria ética. **Revista Alegrar**, Curitiba, v. 4, p. 1-13, jun. 2007. Disponível em: <https://alegrar.com.br/artigos-04/>. Acesso em: 06 nov. 2020.

JUARROZ, Roberto. Poema 66: décima poesia vertical. *In*: MORA, S. S.; SAN VICENTE, B. (org.) **Poesia vertical**: antología esencial. Buenos Aires: Emecé, 2001, p. 130.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 32-51.

LEMINSKI, Paulo. **Toda poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA., Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PONT, Karina Rousseng Dal. **A (im)possibilidade do mapa**. 2018. 216f. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SCHERER, Telma. **Entre o vento e o peso da página**. Curitiba: Medusa, 2018.

SARMENTO, Ariana Sousa de Moraes. **Corpos e(m) movimentos na escola**. 2021. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Educação e Comunicação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

SILVEIRA, Eduardo. **Dissecações do corpo de um docente-artista em escrituras experimentais**. 2014. 397f. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Ensino e Formação de Educadores, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SPINK, Mary Jane Paris. Sem abdicar, transgredir e assim reinventar. *In*: MOSCHETA, M. S.; SOUZA, L. V.; RASERA, E. F. (org.). **A dimensão política do pesquisar no cotidiano**. São Paulo: Letra e Voz, 2020, p. 40-46.

Sobre a autora

Ariana Sousa de Moraes Sarmiento: Doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na linha de Educação e Comunicação, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Licenciada e Bacharela em Ciências Biológicas também na UFSC. A diversidade dos povos e as pequenezas da vida sempre me encantaram. Durante a maior parte da minha graduação estive envolvida com pesquisas na área de cultura e meio ambiente. Realizei intercâmbio acadêmico pelo Programa Ciências sem fronteiras para a Holanda e nesse período me aventurei pelas pesquisas em Agrobiodiversidade. Na licenciatura fui fígada pelo caminho da docência e me dei conta que o que gosto mesmo é de arte e educação. Atualmente, sou professora efetiva de Ciências e Biologia na Rede do Estado de Santa Catarina. No meu dia -a - dia sempre que posso experimento, danço. Busco trançar tramas entre Biologia, Educação, Cultura e Arte. Sou apaixonada pela escrita e pela Biodanza, atividade na qual também sou professora.

E-mail: arianamsarmiento@gmail.com

Recebido em: 31 ago. 2023

Aprovado em: 19 fev. 2024